

LEITURAS ENTRE ACADÊMICOS: MACHADO DE ASSIS E OLIVEIRA LIMA

Ao cair da tarde, depois das quatro, encontrava-se invariavelmente o autor em casa do seu antigo editor, na livraria Garnier, onde tem sua sede um círculo, diria um cenáculo se não fosse franco a todas as opiniões e aberto a todas as idéias. Estes "five o'clocks" intelectuais já se tornaram mesmo uma tradição, pois que datam de meio século. Machado de Assis, que lhes ficou de todo tempo fiel, serviu de traço de união entre épocas diferentes e gerações também diferentes.*

O depoimento é do historiador e diplomata Oliveira Lima, mas também poderia ser validado por um Joaquim Nabuco, um Euclides da Cunha, um Graça Aranha, entre outros. Machado de Assis, já reconhecido entre seus pares como o grande mestre da literatura brasileira, de certa forma oficializou esse círculo da livraria Garnier com a criação da Academia Brasileira de Letras, em 1896. Na passagem do século XIX para o XX, as relações entre o velho Machado e os escritores em início de carreira ou em plena maturidade concretizavam-se a partir de artigos na imprensa, conferências, ou cartas, quando mais de um colega se encontrava em serviço diplomático no exterior. O caso de Oliveira Lima, membro da ABL desde 1897, não seria diferente: o diplomata, que passou a maior parte da sua vida fora do Brasil, trocou cartas e livros com Machado. Seis das cartas do romancista ao historiador, depositadas no acervo da Oliveira Lima Library, na Catholic University of America (Washington), foram transcritas por Antonio Dimas, em 1977. Muito depois, seria a vez de Teresa Malatian, no artigo "Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima" (1999) contrapor essas cartas às recebidas por Machado, sem chegar a transcrevê-las na íntegra, a não ser pequenos trechos. A rede das relações completa-se com os textos que Machado e Oliveira Lima produziram sobre suas respectivas obras.

* LIMA, Oliveira. "Machado de Assis e sua obra literária". In: _____. *Estudos literários*. Barbosa Lima Sobrinho (Org.). Rio de Janeiro: ABL, 1975, p. 58.

Alexandre de Gusmão e o instinto de nacionalidade

Machado de Assis, em 1904, animou-se a resenhar *O Secretário d'el Rei*, a primeira e única obra de ficção de Oliveira Lima, que até aquele momento se dedicara à historiografia e às impressões de viagem derivadas de seu trabalho como diplomata. Antes de comentar a apreciação machadiana, tracemos em linhas gerais essa incursão de Oliveira Lima pela arte dramática, que permanece esquecida, não tendo merecido reedição, exceto o seu 3º ato na *Seleta* organizada por Barbosa Lima Sobrinho em 1971.

Em *O Secretário d'el Rei* Oliveira Lima reúne os seus três grandes interesses: a história, a diplomacia e a literatura. A peça de teatro tem como personagem central Alexandre de Gusmão, diplomata e secretário particular do rei de Portugal, D. João V, entre 1730 e 1750. A figura não poderia ter sido mais bem escolhida, pois é considerada o "avô" da diplomacia brasileira. Nascido em Santos em 1645, partiu para a Europa em 1709, onde prosseguiu seus estudos e realizou sua carreira. Atuou no Tratado de Madri (1750), no qual defendeu o princípio do *uti possidetis* – o da posse efetiva da terra – para a delimitação entre os impérios português e espanhol na América do Sul, aproximando-se da configuração do que viria a ser o território brasileiro. Nesses traços biográficos podemos supor uma identificação de Oliveira Lima com sua própria história de vida, pois em 1873, com apenas seis anos de idade, mudou-se com a família para Lisboa, onde recebeu sua formação e iniciou-se na diplomacia.

A origem e a participação nos destinos de sua terra natal, mesmo sob os interesses da corte portuguesa, foram motivos mais do que suficientes para que Oliveira Lima classificasse sua obra de "peça nacional". Mas a fim de que não pairassem dúvidas para quem se inquietasse com o qualificativo para uma ação que transcorre em pleno Portugal do século XVIII, o escritor faz uma "Advertência":

[...] o espírito de sua peça é inteiramente *brasileiro*, visando a simbolizar – qualquer pretensão mais direta seria anacrônica – a diferenciação que se ia assinalando entre o Reino e a sua Colônia americana, destinada a continuar-lhe e propagar-lhe a tradição

histórica no Novo Mundo, e cuja importância econômica ia-se tornando cada dia mais manifesta.¹

Por mais de uma vez, essa constatação é dita pelo próprio Alexandre de Gusmão, ao reconhecer como solução para os desastres do Reino de Portugal a transferência para a promissora colônia, verdadeiro éden: "[...] a dinastia mudar-se para o meu querido Brasil, a fim de assegurar sua própria conservação e a independência da nação. [...] Lá as brisas são puras, a extensão é infinita, a grandeza é entontecedora, a opulência é sem rival!"²

Oliveira Lima historiador confirmaria o sonho de Gusmão com o seu trabalho mais importante, *D. João VI no Brasil* (1908), tendo como eixo a continuação da tradição européia, mas que desembocaria na Independência. Machado de Assis, em carta a Oliveira Lima de 5 de fevereiro de 1906, valoriza a preparação dessa obra sob tal perspectiva de interpretação:

Vejo que o seu *D. João VI* está crescendo e sairá maior do que esperava. Tanto melhor, meu amigo; o prazer de o ler será também maior. É assunto que podemos dizer inédito; esperava historiador que o compreendesse e trabalhasse bem. Vamos ter a fisionomia real daquele príncipe que, vindo aqui fundar "um novo império", como ele mesmo disse, tão particularmente contribuiu para a nossa independência.³

Machado, anos antes, em sua favorável recepção à peça de Oliveira Lima, concordara com a classificação: "Com razão chama o autor ao seu *Secretário d'El Rei* uma peça nacional, embora a ação se passe na nossa antiga metrópole, por aqueles anos de D. João V. É duas vezes nacional, em relação à sociedade de Lisboa."⁴ Apesar de não explicar melhor esse "duas vezes nacional", talvez Machado, por um lado, se remeta à correlação entre as histórias lusa e brasileira esboçada na "Advertência" de Oliveira Lima, e, por outro, ofereça uma sugestão com a frase que vem logo a seguir: "A aventura que constitui a ação é do lugar e do tempo". Parece que também a conveniência na reconstituição de época ofereceria essa "dupla nacionalidade": é

¹ LIMA, Oliveira. *O Secretário d'el Rei*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. p. 6.

² *Ibidem*, p. 41.

³ ASSIS, Machado de. Carta de 5 de fevereiro de 1906. *Apud* DIMAS, Antonio. Uma visita a 'Oliveira Lima Library': cartas de Jackson de Figueiredo (11), Nestor Vitor (1), Machado de Assis (6) e Aluísio Azevedo (1). *Língua e Literatura* n.º 6. São Paulo, 1977. p. 339-368.

⁴ ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. São Paulo: Editora Mérito, 1962. p. 303.

nacional porque retrata bem a "nossa antiga metrópole", ponto de partida da nação brasileira.

Além de assinalar que em Alexandre de Gusmão "o autor quis pôr o nosso próprio interesse nacional",⁵ no final do texto Machado ratifica que ele encontra em *O Secretário d'El Rei* "aquele laço de espírito nacional que lhe assegura lugar eminente na literatura histórica e política da nossa terra."⁶ O "espírito nacional" em nossa literatura já estaria consolidado nessa altura do início do século XX, ao contrário do que Machado há mais de 30 anos apontara no artigo "Instinto de nacionalidade". Aliás, vale lembrar que os dois textos foram reunidos por Mário de Alencar na edição de 1910 da *Crítica literária*. Porém, enquanto o de 1873 é reconhecido como peça fundamental na trajetória machadiana, a pequena resenha de 1904, assim como a peça que aborda, ficaram na penumbra. De certa maneira, tal resenha retoma um dos argumentos centrais de "Instinto de nacionalidade", a de que não se depende do "assunto local" para se reconhecer o espírito nacional de uma obra. Nesse artigo, entre alguns casos, inclusive cita os dramas históricos de Gonçalves Dias, como *Leonor de Mendonça*, que se passam em Portugal. Depois de se referir ao exemplo máximo de Shakespeare, Machado conclui:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.⁷

Segundo esse critério, mesmo sem o subtítulo de "peça nacional" e a "Advertência", o *Secretário d'el Rei* corresponderia ao "sentimento íntimo" de Oliveira Lima ao integrar o conjunto de sua obra histórica que pretendia apresentar uma nacionalidade distinta mas ao mesmo tempo devedora da matriz européia.

O conselheiro Aires, o "colega diplomata"

⁵ Ibidem, p. 304.

⁶ Ibidem, p. 306.

⁷ Ibidem, p. 135.

No mesmo ano de 1904 e no mesmo periódico, a *Gazeta de Notícias*, Oliveira Lima comenta o "último romance de Machado de Assis" até aquela data, o *Esau e Jacó*. Na verdade, mais um esboço sobre o conjunto da obra do que uma análise detida desse livro. Muitos dos argumentos são retomados por Oliveira Lima em 13 de novembro de 1908, ao escrever para *O Estado de S. Paulo*, quando da morte de Machado. Logo no início, toma a liberdade de transcrever uma nota íntima que o amigo havia lhe enviado a 1º de agosto, "menos de dois meses antes de falecer": "Esta tem por fim dizer-lhe que ainda não morri, tanto que lhe remeto um livro novo. Chamei-lhe *Memorial de Aires*. Mas este livro novo é deveras o último. Agora já não tenho forças nem disposição para me sentar e começar outro; estou velho e acabado."⁸ O tom mais íntimo das cartas endereçadas a ele por Machado permitiu que Oliveira Lima as usasse também como possível "documento" ou "fonte" para se chegar ao homem e à obra. Não devemos nos esquecer que Oliveira Lima é antes de mais nada um historiador, e que foi um dos pioneiros na historiografia brasileira em utilizar textos como cartas, diários e memórias, da esfera privada, como documentos históricos.

Oliveira Lima pôde desenvolver suas considerações na conferência "*Machado de Assis et son oeuvre littéraire*", realizada em 3 de abril de 1909, na Sorbonne. Fez parte do evento "Festa da Intelectualidade Brasileira", sob a presidência de Anatole France, tratando-se do primeiro estudo mais amplo da obra após a morte do escritor e apresentando parâmetros que por muito tempo norteariam a crítica machadiana. Em vários momentos de sua exposição, direta ou indiretamente fez uso das cartas que recebeu do amigo para corroborar sua tese de "uma estreita correlação entre sua obra e sua personalidade".

Segundo Oliveira Lima, como "manifestação mais da índole freqüentemente pessoal de sua obra" Machado cultivou o artifício das memórias no *Memórias póstumas de Brás Cubas* e no *Memorial de Aires*. Neste último romance, a descrição do casal Aguiar trairia a felicidade madura do casal Machado e Carolina, verdadeiro "disfarce literário" para ocultar a dor pela perda da esposa:

⁸ LIMA, Oliveira. *Estudos literários*. Op. cit., p. 33.

Machado de Assis sofria muito da sua viuvez, mas como possuía num alto grau o pudor do sofrimento, apenas deixava entrever toda a extensão da sua solidão moral. Esse pudor gerava nele uma verdadeira repugnância a exhibir sua dor, e é muito por tal razão que lhe emprestou nessa ocasião o disfarce literário. A sombra deste disfarce foi-lhe dado esboçar com liberdade o doce perfil da ausente, a criatura boa e dedicada de quem ele se recordava cada dia sem o proclamar em altas vozes, achando um meio de derramar sua saudade e depor sua piedosa oferenda sem tentar a comédia de uma apoteose.⁹

Oliveira Lima foi um dos poucos privilegiados a compartilhar esse sentimento no espaço íntimo da carta. Em missiva de 18 de novembro de 1904, Machado conta-lhe de forma concisa a morte de Carolina:

[...] Também eu não contava com tal golpe. A doença era pertinaz e o estado de abatimento grande, mas estava longe de supor que, saindo de casa para a Secretaria, viesse achá-la prostrada na cama. Pouco depois do meio-dia, manifestava-se uma forte hemorragia, que lhe fez perder os sentidos. Quando voltou a si quiseram mandar-me chamar, tiveram de obedecer a sua vontade contrária, por me não assustar, disse ela. Vinte e quatro horas depois, expirava.¹⁰

Mas logo dá expansão ao seu sofrimento, desfazendo provisoriamente a imagem de discrição e pudor que seus pares lhe atribuíam:

Diz-me bem, em termos próprios, o que esta dor foi para mim, e o que vai ser a minha vida, se vida se pode chamar o resto dos meus velhos dias. Sinto-me acabado. Vivemos casados 35 anos, e eu sempre imaginei ir antes dela.

Creio, creio nos sentimentos de pesar que, em nome da Exma. Sra. D. Flora e no seu, me envia neste momento cruel da existência. Creio e agradeço-os, como sendo dos remédios morais que ainda podem trazer algum ânimo a um enfermo desenganado de si mesmo e meio morto de solidão.¹¹

No ponto em que deixamos a conferência, Oliveira Lima pede permissão a uma "nota pessoal". E cita carta de 4 de dezembro de 1904, na qual Machado, agradecendo a crítica do historiador a respeito do *Esau e Jacó*, lembrou-se de Carolina:

⁹ Ibidem, p. 42.

¹⁰ ASSIS, Machado de. Carta de 18 de novembro de 1904. *Apud* DIMAS, Antonio. Uma visita a 'Oliveira Lima Library': cartas de Jackson de Figueiredo (11), Nestor Vitor (1), Machado de Assis (6) e Aluizio Azevedo (1), cit., p. 358.

¹¹ Ibidem, p. 359.

Minha mulher se pudesse ter lido o artigo, sentiria o mesmo que eu; mas nem sequer leu o livro, posto me dissesse que o leria segunda vez; apenas leu algum trecho, o que me foi confirmado por uma de suas amigas, a quem ela o confessou como prova do estado em que se achava.¹²

Nessa reconstrução de narrativas e significados por meio de peças, bem ao gosto do historiador, Oliveira Lima lamenta que "ao lado do diário imaginário do conselheiro Aires, não tivesse Machado de Assis legado o seu próprio, o verídico".¹³ Por outro lado, diante da falta de um diário ou de memórias, insiste que as cartas poderiam cumprir o papel de intermediário entre o homem e a obra:

O grande escritor compensou de algum modo a lacuna da sua obra – lacuna tanto mais sensível quanto todos concordam em deplorar a raridade extrema das memórias na nossa literatura – deixando confiada ao seu excelente amigo, o homem de talento e de coração que é José Veríssimo, a tarefa de publicar sua correspondência. O Sr. José Veríssimo pedira-lhe muita vez que escrevesse suas memórias, mas penso que Machado de Assis hesitava não tanto em razão da sua modéstia [...] quanto de sua circunspeção. Não gostava de abrir-se inteiramente, quero dizer, não lhe agradava patentear o âmago do seu pensamento.¹⁴

Enquanto as cartas não eram divulgadas, Oliveira Lima contentava-se com as que recebera e com as personagens de ficção. Entre várias, não podia esquecer o conselheiro Aires, diplomata como ele, não o poupando de críticas aos vícios da profissão: "[...] o diplomata metódico nos seus hábitos e nos seus sentimentos, a quem os ministérios e os salões roubaram a espontaneidade mas que conservou seu senso comum, que se observa e se poupa e parece um egoísta porque se não sacrifica, consistindo porém sua caridade em não sacrificar os outros."¹⁵ Na correspondência com Machado, o historiador chega a tratar o conselheiro Aires como "colega", verdadeiro paradigma de uma época da diplomacia: "O cons^o Aires do futuro há de ser diferente do

¹² LIMA, Oliveira. *Estudos literários*, cit., p. 42.

¹³ *Ibidem*, p. 43.

¹⁴ *Ibidem*, p. 44.

¹⁵ *Ibidem*, p. 48.

seu, que é tão verdadeiro na sua frivolidade ocupada. Não será tão fino, mas não será menos simpático."¹⁶.

Personagem de *Esau e Jacó* e autor do diário de *Memorial de Aires*, o diplomata não se envolve nem se empolga com os acontecimentos históricos ou públicos. No dia 13 de maio de 1888 de seu diário, lança suas impressões favoráveis sobre a Lei Áurea, mas pondera que a compostura e conveniências requeridas por seu posto não lhe permitiram manifestações mais enfáticas:

Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do Senado e da sanção da Regente. Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral.

Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o Paço da cidade, e fazer ovação à Regente. Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei.¹⁷

Esse tão discreto e reticente apoio provavelmente não deve ter convencido Oliveira Lima, que em sua conferência recorrerá ao testemunho do homem Machado de Assis; e como estava diante de uma platéia estrangeira, nada menos do que a francesa, aproveitou para enaltecer a suposta civilidade do nosso movimento abolicionista:

Se bem que a sua obra a não traduza, ele guardava uma recordação mais comovida das lutas de tribuna e de imprensa, pacíficas posto que acerbadas e violentas, entre os que queriam retardar e os que queriam precipitar a abolição da escravidão. [...] Sabeis de que forma rápida, calma e digna se realizou a reforma por excelência: nada faz mais honra à nossa história e melhor abona nossa cultura.¹⁸

Se por um lado Oliveira Lima reconhece que Machado havia se libertado "dos liames mais estreitos do nacionalismo, que freqüentes vezes toca no nativismo e também invade os versos, e elevava-se a uma concepção mais geral, digamos o termo,

¹⁶ MALATIAN, Teresa. "Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima". *Estudos históricos* n° 24. Rio de Janeiro, 1999. p. 377-392.

¹⁷ ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 38.

¹⁸ LIMA, Oliveira de. *Ensaaios literários*, cit., p. 46.

humana da vida, sem por isso deixar de ser essencialmente nacional"¹⁹ – em consonância com o que o próprio romancista alegara em "Instinto de nacionalidade" –, por outro, o historiador fala mais alto para decretar que o amigo "se tornou indefinido no tempo, deixando seus personagens de pertencer a uma época determinada, de ser o resultado direto e circunscrito de tal época."²⁰ Esse juízo, para ser reformulado, teria que esperar os estudos de Raimundo Faoro, Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub, entre outros. Contudo, até aquele momento, basta contrastar duas espécies de diplomatas, que, por extensão, podem representar duas concepções da história brasileira: Alexandre de Gusmão, acreditando no futuro de uma grande nação, e o conselheiro Aires, cético e irônico ao ver os caminhos dessa mesma nação.

Ricardo Souza de Carvalho
USP

Ricardo Souza de Carvalho é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Publicou, entre outros artigos, "Através do Brasil com Afonso Arinos" (*Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 46, fevereiro de 2008).

¹⁹ *Ibidem*, p. 38.

²⁰ *Ibidem*, p. 40.